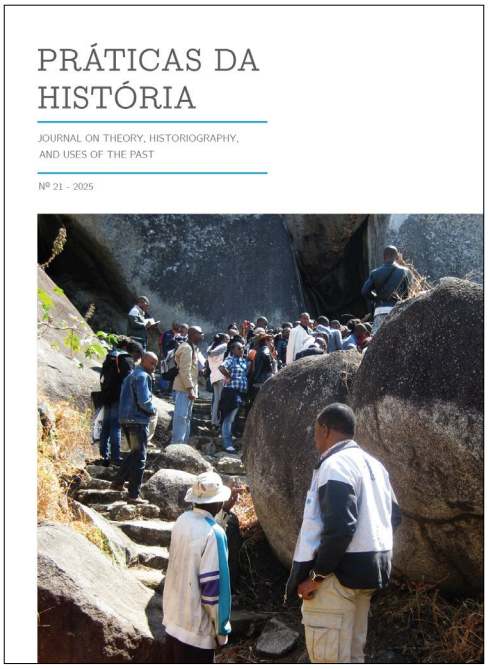


Aline Sitoé Diatta: As lutas pela memória na construção da heroína senegalesa

Paul Diedhiou, Mariana Bracks Fonseca e Papis Comakha Fall

Práticas da História, n.º 21 (2025): 171-209

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Práticas da História, n.º 21 (2025): 171-209

Paul Diedhiou, Papis Comakha Fall e Mariana Bracks Fonseca

Aline Sitoé Diatta: As lutas pela memória na construção da heroína senegalesa

Este artigo reflete sobre Aline Sitoé Diatta, sacerdotisa do povo Diola que promoveu o retorno às tradições ancestrais e tornou-se símbolo da resistência à colonização francesa em Casamance. Com base em discursos políticos, correspondências, documentos oficiais, fontes orais e iconográficas, examina-se a instrumentalização da sua história e o conflito memorial entre o Estado senegalês e o Movimento das Forças Democráticas de Casamance, nas décadas de 1970-90. O artigo discute ainda a repatriação dos seus restos mortais — depositados no Mali, onde morreu na prisão colonial de Tombuctu em 1944 — à luz da perceção Diola de morte e dos ritos funerários, problematizando as políticas de memória no pós-independência. Analisa-se igualmente a sua representação em museus, monumentos e escolas, refletindo sobre o processo de construção da heroína nacional na História Pública do Senegal.
Palavras-chave: Resistência, MFDC, espiritualidade tradicional, Diola.

Aline Sitoé Diatta: The struggles for memory in the construction of the Senegalese heroine

This article reflects on Aline Sitoé Diatta, a priestess of the Diola people who promoted a return to ancestral traditions and became a symbol of resistance to French colonization in Casamance. Drawing on political speeches, correspondence, official documents, and oral and iconographic sources, the article examines the instrumentalization of her history and the memorial conflict between the Senegalese State and the Movement of Democratic Forces of Casamance in the 1970s–90s. It also discusses the repatriation of her remains — held in Mali, where she died in the French colonial prison of Timbuktu in 1944 — in light of Diola perceptions of death and funeral rites, interrogating post-independence memory politics. Finally, the article analyzes her representation in museums, monuments, and schools, reflecting on her importance in Senegal's public history and the construction of a national heroine.
Keywords: Resistance, MFDC, traditional spirituality, Diola.

Aline Sitoé Diatta: As lutas pela memória na construção da heroína senegalesa

Paul Diedhiou, Papis Comakha Fall
e Mariana Bracks Fonseca*

Breve síntese biográfica

Aline Sitoé Diatta nasceu por volta de 1920 em Cabrousse (Casamance, Senegal) e era membro do povo Diola. Seus pais faleceram quando ela era bem pequena e ela foi criada pelo seu tio paterno, Eloubaline Diatta, no bairro de Nialou.

No contexto da colonização francesa e da introdução da economia de mercado, os jovens de Casamance eram obrigados a migrar para trabalharem no cultivo do amendoim para exportação ou nos centros urbanos. Ainda bem jovem, Aline Sitoé foi trabalhar em Dakar como empregada doméstica e vendedora de óleo de palma.

Foi no mercado de Sandaga, por volta de 1941, que ela ouviu pela primeira vez o chamado de *Ata-Emit*, o Deus Supremo Diola, que lhe falou para voltar para sua terra natal e ajudar seu povo. Ela recebeu uma missão divina para reunir seu povo e restaurar a espiritualidade ancestral. *Ata-Emit* lhe ensinou como fazer o rito para chamar a chuva – *Kasila* ou *Kasarah* – e retomar o cultivo do alimento sagrado, o arroz. No início ela não acreditou, e por isso foi acometida por uma

* Paul Diedhiou (pdiedhiou@univ-zig.sn). Université Assane Seck de Ziguinchor e Laboratoire de Recherche en Sciences Économiques et Sciences Sociales, Senegal; Papis Comakha Fall (ledeportefall@gmail.com), https://orcid.org/0009-0005-5345-9493. Université Assane Seck de Ziguinchor, Senegal e Chaire HiGeSeT, Melun-Paris, França; Mariana Bracks Fonseca (marianabracks@academico.ufs.br). https://orcid.org/0000-0003-0555-8276. Universidade Federal de Sergipe, Brasil e Université Assene Seck de Ziguinchor, Senegal. Artigo original: 30-05-2025; Artigo revisto: 7-02-2026; Aceite para publicação: 15-02-2026.

imobilização nas pernas, o que foi interpretado como uma cobrança de Deus para aceitar seu destino. Quando ela retornou a sua terra natal, a princípio alguns a julgaram como louca, não acreditavam que uma jovem mulher seria enviada de *Ata-Emit*, mas quando ela começou a realizar os ritos a chuva caiu abundantemente.

Ela passou a reunir centenas de pessoas para realizar os cultos, mobilizando toda a comunidade para retornar as suas tradições e não seguirem as religiões dos estrangeiros. Diante do seu sucesso em fazer cair as chuvas, sua fama se espalhou e pessoas de várias localidades, de Casamance, da Gâmbia e da Guiné Portuguesa, iam até Cabrousse para aprender com a sacerdotisa. Ela ensinava os enviados de cada aldeia como fazer os sacrifícios, chamados de "caridade", com os quais restaurava a fé nos ancestrais, unia e alimentava toda a gente. Os participantes do *Kasila/Kasarah* voltavam para suas comunidades onde erguiam altares e reproduziam as rezas e cantos ensinados por Aline Sitoé. O ano de 1942 foi especialmente chuvoso e trouxe fartura às comunidades, o que contribuiu para reforçar a crença na jovem mensageira de Deus e aumentar seu prestígio na região.

A imposição do cultivo do amendoim pela colonização francesa levava a migrações sazonais e ao consequente esvaziamento das comunidades, sem os braços dos jovens para plantar e colher o arroz. A monocultura do amendoim para exportação causava também o empobrecimento do solo e a destruição das florestas, o que feria os princípios espirituais Diola e fraturava o sistema de produção alimentar ancestral.

Importante destacar que as pregações de Aline Sitoé acontecem no contexto da Segunda Guerra Mundial, que teve impactos desastrosos em Casamance. Os jovens foram compulsoriamente alistados no exército francês, a partir de violentos recrutamentos.[1] Além disso, a

1 A França dispensou grandes esforços para recrutar jovens africanos para servir a seus interesses. Recrutados violentamente, soldados africanos de diversas regiões da Senegâmbia e do Sudão foram recrutados violentamente para servir na capital da África Ocidental Francesa, Dakar, posteriormente enviados a Europa para lutarem na guerra. Ver Papis Comakha Fall, "Les déportés de la Sénégambie et du Soudan: entre résistances et répressions dans un espace colonial de 1840 à 1946" (Thèse de doctorat unique, Sorbonne Université, Centre d'Histoire du XIXe siècle, 2023), sobretudo o capítulo 7, "La question des soldats « indigènes», parmi les déportés", 365-392

população foi obrigada a pagar impostos altíssimos, o que significava o confisco de arroz e gado – dois elementos sagrados da cultura Diola, símbolos de poder e riquezas – sob coação intensa, ameaçando queimar as casas e matar a população.[2]

Com a ocupação nazista da França entre 1940-1942 houve bloqueio inglês da navegação pelo mar Mediterrâneo, particularmente pelo canal de Suez, as colônias francesas na África sofreram desabastecimento de alimentos, já que pela planificação da economia colonial o arroz viria da Indochina, agora sob ocupação japonesa.[3] Durante a chamada "República de Vichy", liderada pelo marechal Phillipe Pétain, a África Ocidental Francesa atravessou uma grave fome e sentiu o endurecimento do autoritarismo e da violência imperialista.

Ao saber que os celeiros das populações Diola tinham estoques enormes, o tenente-coronel Sajous, comandante de Ziguinchor, ordenou requisições de gado e arroz para alimentar as tropas, os funcionários públicos nas cidades do Senegal e na metrópole.[4] O governo colonial agiu com forte repressão às comunidades, com queimas de vilarejos, prisões arbitrárias e assassinato dos chefes. Foi sobretudo esta política de apreensão violenta dos bens mais preciosos para os Diolas – arroz e bois – que levou a conflitos abertos entre administradores e cidadãos em Casamance.

Durante o verão de 1942, o tenente-coronel Sajous apontou em seus relatórios ao governo-geral do Senegal em Saint-Louis a influência espiritual de uma jovem profetisa.[5] O governo colonial estava preocupado, pois

2 O massacre de Effok, em 1944, e a morte do rei Sihalebe (Sihal Ebbe) Diatta, que morreu por inanição na prisão em 1904, são exemplos de violações aos costumes tradicionais Diola causadas pelo colonialismo, episódios históricos que estão na memória social mas carecem de estudos. Ousmane Sembene, no filme Emitai (1971), mostra a violência colonial em Casamance neste período.

3 Frederick Cooper, *Africa since 1940: the past of the present* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002). Eric T. Ennings, *Vichy in the Tropics: Pétain's National Revolution in Madagascar, Guadeloupe, and Indochina, 1940–1944* (Stanford: Stanford University Press, 2001). Martin A. Klein, *Slavery and Colonial Rule in French West Africa* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

4 Archives Nationales du Sénégal (ANS). 11D1368. Notes de tournée du gouverneur en Casamance, 1942.

5 Archives Nationales du Sénégal (ANS). 11D1226. Rapport du colonel Sajous, commandant de cercle de Ziguinchor, 17 avril, 1943.

as pregações de Aline Sitoé atraiam multidões, que vinham de diversas partes ouvir seus ensinamentos, o que levou o general Boisson a ordenar uma investigação sobre o deslocamento da população.[6]

Sajous quis pôr fim às movimentações, temendo que resultassem numa sublevação generalizada. Tété Diédhiou, intérprete Diola que trabalhava para o governo colonial, propôs ir a Cabrousse para averiguar a situação e afirmou que a jovem era apenas uma religiosa, não representava perigo algum e não tinha relação com os motins que eclodiam em diferentes vilarejos.

A mesma opinião foi partilhada por Benjamin Diatta, um personagem importante na história da colonização em Casamance. Nascido em 1887 em Cabrousse, foi educado na fé católica desde muito novo, ingressou na administração colonial em 1909 e ganhou reputação de feroz perseguidor dos ritos tradicionais. Em 1922, ele foi nomeado chefe da recém-criada província de Oussouye, tendo recebido muitas honras e condecorações por sua colaboração fiel à colonização, algo raro em território Diola, onde a maioria dos agentes políticos eram abertamente contrários à cooperação com os franceses. Contudo, devido ao seu fracasso no recrutamento militar dos jovens para II Guerra Mundial, ele foi rebaixado e obrigado a abandonar o posto, em dezembro de 1942[7].

Diante da desintegração social provocada pelo colonialismo, Aline Sitoé se opunha ao recrutamento forçado e à cobrança extorsiva de impostos, defendia o cultivo do arroz e o abandono imediato do plantio do amendoim para exportação, que impunha a destruição das florestas e as migrações sazonais. Ela defendia a manutenção da espiritualidade ancestral, exortando o povo a realizar as oferendas aos *Bachiin*[8], a observar o dia de descanso – o *Huyaye* – segundo a organização do tempo Diola com a semana de seis dias: cinco para o trabalho e um para o descanso da terra. Ela pregava em benefício da manutenção da ordem tradicional, a partir da solidariedade comunitária e do respeito total à natureza e aos ancestrais.

6 Archives Nationales du Sénégal (ANS). 13G13, télégramme-lettre du gouverneur général au gouverneur du Sénégal, 1er octobre 1942.

7 Christian Roche, "L'affaire Benjamin Diatta (1942-1944)", *Notes africaines*, IFAN, 155 (1977).

8 *Bachiin, uekin, boekin* são os termos em língua Diola Kasa para se referir os altares onde estão materializadas as forças ancestrais e onde se depositam as libações, oferendas e sacrifícios.

A mensagem de Aline era de paz, ela jamais instigou seus seguidores a lutar ou pegar em armas, mas as autoridades coloniais francesas a entenderam como uma ameaça a seus interesses na região. Sua grande capacidade de aglutinar multidões e os discursos contra as práticas coloniais foram relacionadas às revoltas populares que se espalhavam por toda a Baixa Casamance no período. Vários povoados Diola estavam sublevados, se recusavam veementemente a pagar os impostos e organizaram ataques que tentavam repelir os agentes coloniais com flechas e lanças. Mas as armas de fogo dos franceses e a dura política de repressão colonial minavam os esforços dos Diolas, que buscavam resistir de múltiplas formas desde o início do século XX.[9]

A simultaneidade dos incidentes nas comunidades Diolas levou o comandante do círculo a conectá-los às peregrinações até a sacerdotisa de Cabrousse. Em junho de 1942, o governador do Senegal ordenou ao comandante do círculo de Ziguinchor, o coronel Sajous, que acompanhasse as atividades de Aline Sitoé e aumentasse o número de patrulhas em toda a área afetada. Ao primeiro sinal de problema, ele deveria usar toda a força necessária para prendê-la e removê-la da região.[10]

As tensões se agravaram em 16 de janeiro de 1943, quando um destacamento da administração colonial foi recebido em Effok com tiros de espingarda e teve que se retirar. A situação complicou-se subitamente com a reação hostil da população da aldeia de Effok a uma campanha de vacinação contra a varíola nos primeiros dias de janeiro de 1943. O médico capitão responsável pela vacinação tinha, de facto, cometido o erro de ser acompanhado por uma enfermeira desprezada pelos moradores, cujo pai tinha má reputação por ser um comerciante

9 Em 1903, o rei sagrado de Huluf chamado Sihahlebeh se revoltou contra a cobrança de impostos, foi preso e morreu de fome na prisão. Sibaye Sondo, um famoso rei-sacerdote da chuva na região de Essil Enampore, foi preso e solto várias vezes por causa da resistência contínua aos impostos dentro de seus domínios. Em 1906, a vila de Bandial se revoltou contra a coleta de impostos e Jinaabo (Jinoeb Badji), um renomado guerreiro e sacerdote do santuário da circuncisão masculina de Bukut, morreu em batalha. Existem vários exemplos de como as autoridades francesas agiram com violência e crueldade contra o povo Joola, que se opunha veementemente à coleta de impostos. A prisão e o assassinato de seus líderes não eram incomuns. Robert M. Baum, *West Africa's Women of God: Aline Sitoué and the Diola Prophetic Tradition* (Bloomington: Indiana University Press, 2016), 82-97.

10 Affaire Aline Sitoué Diatta. Archives Nationales du Sénégal (ANS), 13G 13, versement 17, Cercle de Ziguinchor Tribunaux, 1926-1943.

conhecido por sua ganância pelo lucro durante as requisições de arroz. A enfermeira não era, portanto, bem-vinda nesta aldeia, o que provocou intensas agitações.

Diante da "insubordinação generalizada dos Floups",[11] o inspetor de Assuntos Administrativos informou que uma "ação enérgica é [era] necessária" para garantir as atividades econômicas e administrativas na região e prescreveu a punição dos sublevados.[12] Sajous estava convencido de que esta rebelião tinha relação com as pregações de Aline e então decidiu reprimi-la.

Autorizadas pelo governador do Senegal, Hubert Deschamps, as operações militares começaram em 29 de janeiro de 1943 e em 31 de janeiro Aline Sitoé foi presa e encarcerada na penitenciária de Ziguinchor.

A prisão da sacerdotisa não resolveu muita coisa porque a tensão era alta em todos os lugares. Tanto que, apenas alguns dias após a prisão da sacerdotisa em Cabrousse, em 09 de fevereiro, o sargento Maurice Scobry foi morto pelos populares revoltados em Effok.

Não havia entendimento do comando colonial de Ziguinchor sobre o real propósito das pregações de Aline Sitoé, se sua mensagem era apenas religiosa ou também de evocação política contra os franceses. Não havia crime a condená-la, ela não tinha violado nenhuma lei. Era, portanto, muito difícil invocar a aplicação do artigo 28 do *Code de l'indigénat* de 1904, que punia qualquer oposição direta à ação administrativa.

Em 17 de maio de 1943, a Comissão Permanente do Conselho de Governadores do Senegal decidiu sobre o banimento de Aline Sitoé Diatta e de dezessete de seus seguidores. Neste relatório, Aline Sitoé Diatta foi descrita como uma "feiticeira" ativa e influente que, através de uma ação sustentada, levou a população da subdivisão de Oussouye

11 Floup/Felupe é o etnónimo que os portugueses usaram para designar os Diola, também escrito como Joola. O heteronômio "Diola", utilizado pelos franceses e ingleses, é de origem Mandinga. Este grupo étnico chama a si mesmo de Ajamaat. Atualmente, o etnônimo "Joola" está em vias de suplantar o de "Floup". Paul Diédhiou, "L'identité joola en question. La bataille idéologique du MFDC pour l'indépendance" (Paris: Karthala, 2011). Christian Sina Diatta, *Parlons Jola: langue et culture des Diolas* (Paris: L'Harmatan, 1998).

12 Secrétariat Général. Ier Bureau to Chiffre. Chap. 5. Art. 2. 39 APA/2, de 18 janvier 1943. Archives Nationales du Sénégal (ANS). 11 D 1 226.

a uma desobediência sistemática suscetível de comprometer a segurança interna da colônia. Tal ação teria resultado em sérios distúrbios que geraram uma rebelião armada.[13]

Em 15 de junho de 1943, o governador-geral Boisson baseou-se no artigo 22 do decreto de 15 de novembro de 1924[14] para assinar a sentença que decidiu sobre a prisão por 10 anos de Aline Sitoé Diatta e de dezessete réus, incluindo seu marido, Alougaye Diatta.[15] Essa foi uma decisão administrativa, que não passou pelos tribunais e pelo devido processo jurídico.

Apenas três homens dos que foram presos com Aline Sitoé Diatta regressaram a Cabrousse em 1946. Quatorze dos detidos morreram durante a prisão; oito deles nos sete meses seguintes à detenção. Aline Sitoé foi deportada para a prisão de Kayes, no Sudão francês; no entanto, o governador do Sudão francês, logo em sua chegada, pediu a sua transferência para onde seria mais fácil vigiá-la.[16] Em 27 de agosto de 1943, acusada de mentira, fraude e rebelião, Aline Sitoé foi transferida para a prisão colonial de Tombuctu, no Mali, onde era a única mulher presa, o que revela um esforço deliberado para tornar as suas condições de prisão mais severas.[17]

13 Archives Nationales du Sénégal (ANS). 11 D1 369. Cercle de Casamance.

14 Na segunda metade da década de 1920, o decreto de 15 de novembro de 1924 que regulamentava a aplicação de sanções administrativas aos "nativos não sujeitos aos tribunais franceses" estava em vigor na AEF, AOF, Madagáscar e na costa francesa da Somália. No seu artigo 22.º, este decreto prevê a pena de internamento administrativo por um período máximo de dez anos para "os indígenas não sujeitos à jurisdição dos tribunais franceses que sejam culpados de actos de insurreição contra a autoridade de França ou de grave agitação política". O internamento administrativo é pronunciado pelo governador-geral, segundo procedimento definido pelo mesmo decreto, e resulta na detenção em estabelecimento penitenciário reservado a indígenas, muitas vezes distante do local de residência do condenado. "Décret du 15 novembre 1924, portant réglementation des sanctions de l'administration indigène en Afrique occidentale française, Afrique équatoriale française, à Madagascar et à la Côte française des Somalis", *Bulletin officiel du ministère des Colonies*, 1924, 1814-1822. Silvia Falconieri, "Pathologies de l'«âme indigène»", *Histoire, médecine et santé* 20 (2021). http://journals.openedition.org/hms/5133; DOI: https://doi.org/10.4000/hms.5133. Consultado a 29 de dezembro de 2024.

15 A lista com os dezassete réus está publicada em Fall, "Les déportés de la Sénégambie et du Soudan".

16 Archives Nationales du Sénégal (ANS). 11 D 1 226. Carta confidencial escrita em Ziguinchor em 10 de março de 1943, colónia do Senegal, Círculo de Ziguinchor n.° 137 Cf/APA.

17 Konaté investiga o encarceramento feminino no Senegal e conclui que a prisão de Aline Sitoé pode ter sido uma "anomalia" na prisão colonial francesa, pois, segundo ele, a prisão de mulheres não era comum. A primeira prisão para mulheres no Senegal foi aberta apenas em 1972, em Rufisque. Dior Konaté, "Ultimate Exclusion: Imprisoned Women in Sénégal", in *A History of Prison and Confinement in Africa*, ed. F. Bernault (Portsmouth: Heineman, 2003), 155-164.

O frio, a má higiene e uma alimentação pobre em frutos e legumes provocaram-lhe o escorbuto, causa da morte atribuída. Aline Sitoé Diatta morreu em 22 de maio de 1944; contudo, sua morte não foi revelada à família e permaneceu oculta até a década de 1980, quando o presidente senegalês Abdou Diouf montou uma comissão dirigida pelo historiador Mbaye Gueye para ir a Tombuctu. Nesta expedição oficial comprovou-se a morte da sacerdotisa, ocorrida há décadas, durante as quais muitos acreditaram que a profetisa estava viva e que regressaria a Casamance para libertar seu povo.

A instrumentalização da figura de Aline Sitoé Diatta: conflitos de memória entre o Estado do Senegal e o MFDC

Aline Sitoé Diatta continuou viva na memória popular e sua história foi sendo utilizada por diferentes movimentos ao longo dos últimos anos. Aqui discutiremos o modo como o Movimento das Forças Democráticas de Casamance (MFDC) recuperou a trajetória da sacerdotisa de Cabrousse como figura emblemática no contexto da luta pela independência da região Sul do país.

Em 26 de dezembro de 1982, o MFDC iniciou uma luta pela independência de Casamance, denunciando que a República do Senegal (fundada com a independência em relação a França em 1966) agia como continuidade do colonialismo europeu, pois continuou a reproduzir as práticas de domínio sobre as populações de Casamance.[18]

Buscamos aqui refletir sobre o conflito de memória acerca de Aline Sitoé entre o Estado senegalês e o MFDC, liderado pelo padre Augustin Diamacoune Senghor, líder carismático, porta-voz e secretário geral do MFDC. Desde a década de 1970, o padre escreveu cartas às autoridades senegalesas questionando sobre o destino de Aline Sitoé Diatta, de quem não se sabiam notícias desde sua prisão.[19] A recusa

18 Mamadou Nkrumah Sané, «*La voix de la Casamance*: une parole diola", *La voix de la Casamance*, 46 (1995). Ver também Manga, Mohamed Lamine. *La Casamance dans l'histoire contemporaine du Sénégal* (Paris: L'Harmattan, 2012). Jean-Claude Marut, *Le Conflit de Casamance. Ce que disent les armes* (Paris: Karthala, 2010).

19 A carta de Diacome Senghor endereçada ao presidente do Senegal, Léopold Sedar Senghor, foi escrita em 29 de setembro de 1978 e intitulada "Le ras-bol-casamançais". O texto integral está publicado em Paul Diédhiou, "Processus de construction de l'identité joola. Analyse socio-anthropologique des conflits en milieu ajamat (Casamance, Sénégal)" (Thèse de Doctorat, Université Franche-Comté, Besançon, 2002). A fotocópia deste documento foi enviada a Diedhiou por Mamadou Nkrumah Abou Sané, secretário-geral do MFDC.

do governo em prestar informações sobre o paradeiro da sacerdotisa Diola foi explorada pelo MFDC, que a projetou como uma heroína da independência de Casamance, reforçando a tese de que a população da região Sul sempre resistiu a qualquer tipo de colonização, com uma identidade própria, guerreira, diferente do Norte do Senegal, que teria composto e negociado com os colonizadores ao longo de sua história.

É neste contexto separatista de Casamance que a trajetória de Aline Sitoé vai ser recuperada pelos ideólogos do MFDC e apresentada como figura emblemática da resistência. O padre Augustine Diamacoune Senghor reivindicava: "Ensine aos senegaleses a história de Casamance. Diga-lhes que, ao lado de Moussa Molo, Fodé Kaba, Sounkary Kamara, temos Sihalebe e Diamouyo."[20] Diamacoune denunciou a omissão destes heróis de Casamance nos currículos escolares em favor dos heróis das regiões Norte e Central do Senegal. Entre as figuras históricas de Casamance que merecem ser conhecidas, Aline Sitoé Diatta ganhou relevância em seus discursos e escritos.

Para o líder do MFDC, Casamance e Senegal não viveram o mesmo percurso histórico e teriam identidades distintas, assim, afirmava a sua "*casamancité*/casamancidade" face à "*senegalicité* /senegalescidade". Para ele, o Estado do Senegal propagava o modelo islâmico-Wolof como central e silenciava outras identidades "periféricas", sendo Casamance posta às margens das decisões políticas.

Diamacoume é um dos arquitetos da batalha ideológica em torno da figura de Aline Sitoé. Para retraçar a sua vida, apoiou-se nos relatórios dos administradores coloniais, em particular os do administrador sénior Benquey.[21] A questão do destino de Aline Sitoé estava no centro de suas preocupações, pois para ele já era hora de terminar esse estado de dúvida, sendo importante entender melhor o "Fenômeno Alinsiitowé, essa Rainha que encarna os traços da Mulher Diola Flup em seu ambiente tradicional".[22] Esta preocupação foi expressa publicamente em 20 de maio

20 Abbé Augustin Diamacoune Senghor, "Histoire de la Casamance (1645-1960)", en *Foi- Patriostisme- Hommage* (Paris: L'Harmattan, 2018).

21 Senghor, "Histoire de la Casamance", 118.

22 *Ibidem*, 127-128.

de 1975 no Cinema Rex, em Ziguinchor, durante uma palestra proferida por ocasião do Ano Internacional da Mulher, em que denunciou que o Senegal não dedicou uma única palavra às heroínas da resistência de Casamance. Num estilo enumerativo, evoca a história das mulheres das aldeias de Effok, Diembéring, Karounate (departamento de Oussouye), e a das mulheres de Balingore (departamento de Bignona) que copiosamente insultaram os seus maridos para os incitarem a resistir energicamente aos franceses, mantendo Aline Sitoé no centro da narrativa.

Sua apresentação baseou-se em alguns escritos de investigadores franceses e nas tradições orais. Diamacoume se opunha a Louis-Vincent Thomas, que teria minimizado a importância da resistência dos Diolas,[23] e seguia a tese de Jean Girard, que deu maior centralidade a Aline Sitoé, apelidada de "Joana d'Arc de Casamance".[24] Ele então traçará um paralelo entre essas duas heroínas que têm em comum "por exemplo: juventude, sexo, beleza, fé em Deus, fé na pátria [Casamance], dinamismo".[25] O paralelismo pode ter desaparecido aqui, uma vez que seu objetivo difere: enquanto Girard discute de forma geral a evolução do fetichismo no meio Diola, cujo ápice seria o culto à chuva de Aline Sitoé, Diamacoune, por sua vez, vê nela uma mulher que buscava construir uma nação maior. De facto, para ele, a mensagem da sacerdotisa de Cabrousse é essencialmente o anúncio dos novos tempos. Ela encarnaria, assim, a renovação da nação difusa, "um prelúdio para uma Renovação maior que estava a construir, não por armas assassinas, mas por união de coração e mente, num desejo comum de vida comum: a Nação Casamance."[26]

Diamacoume se apropriou deliberadamente da trajetória da sacerdotisa para sustentar seu projeto de independência de Casamance.

23 Thomas, *Les Diola*.

24 Jean Girard, "Genèse du pouvoir charismatique en basse Casamance (Sénégal)", *Initiations et études africaines*, xxvii (1969): 344. Quem primeiro fez a associação entre Aline Sitoé e Joana D'Arc foi o governador Hubert Dechamps, que a encontrou brevemente na prisão e a descreveu como uma jovem mulher com autoridade impressionante. Hubert Deschamps, *Roi de la Brousse: memóire d'autres mondes* (Paris: Berger-Levreault, 1975), 271, *apud* Baum, *West Africa's Women of God*, 156.

25 Senghor, "Histoire de la Casamance", 258.

26 *Ibidem*, 169.

Para ele, Aline Sitoé não era uma cidadã senegalesa, era apenas uma simples Diola, ou seja, uma mulher de Casamance. A partir de documentos de arquivos, relatórios e trabalhos científicos, Diamacoune a apresenta como liderança de um processo de construção de um espaço maior: a nação Casamance.

Note-se que Diamacoune trava uma dupla batalha ideológica: por um lado, convida o Estado senegalês a investigar sobre a vida de Aline Sitoé porque, para ele, o Estado senegalês, que substituiu a administração colonial em Casamance, "deve lançar oficialmente luz sobre o caso Alinsiitowé, sobretudo tomar as medidas urgentes e necessárias para que viva ou morta, Alinsiitowé ser restaurada para Casamance, sua terra natal".[27] Por outro lado, procura extraí-la do panteão nacional, uma vez que, para ele, Casamance não faz parte do Senegal: "Casamance está com o Senegal e não no Senegal." Uma atitude paradoxal, uma vez que ele denunciava a ausência da história de Aline Sitoé no currículo escolar senegalês e exigia que ela recebesse honrarias tal qual eram dadas aos heróis do Norte.

Durante muito tempo, o regime de Léopold Sédar Senghor privilegiou a aristocracia Sereer e Wolof na construção de um panteão nacional senegalês.[28] Diamacoune denunciou esta discriminação e o esquecimento de outros combatentes da resistência. Com uma espécie de indignação, escreveu o seguinte: "Mas então porquê cansar o povo Casamance com Lat-Dior e outros heróis senegaleses?"[29] Essa discriminação foi entendida como imperialismo cultural, "mãe de todos os imperialismos".[30] Nesta batalha pelo reconhecimento dos heróis de Casamance, Diamacoune vai, portanto, explorar este vazio histórico relacionado com a ausência destes últimos nos programas escolares. De facto, na operação de promoção dos símbolos locais e da integração nos emblemas da República e nos manuais escolares, o presidente Senghor parece ter privilegiado referências culturais da sua terra natal Sereer e das tradições Wolof.

27 *Ibidem*, 170.

28 Adama Djigo, "Patrimoine culturel et identité nationale: construction historique d'une notion au Sénégal", *Journal des africanistes* 85, n.º 1-2 (2015): 312-357.

29 Senghor, "Histoire de la Casamance", 195.

30 *Ibidem*, 190.

Este trabalho de reinterpretação da história e de disputa pela memória de Aline Sitoé com propósitos políticos foi realizado também por outros atores sociais como o Front Culturel Sénégalais, movimento criado em Dakar na década de 1970 pela esquerda senegalesa para denunciar as políticas elitistas e neocoloniais do presidente Léopold Sédar Senghor. O movimento denunciava que o governo havia marginalizado heróis anticoloniais como Lamine Arfang Senghor, Aline Sitoé ou Sidya Diop e buscava reabilitá-los como heróis nacionais. Em 1979, o Front Culturel Sénégalais publicou um texto sobre a vida e a obra de Aline Sitoé Diatta, ampliando o conhecimento de sua história para além das fronteiras de Casamance, entendendo-a como heroína nacional do Senegal.

Diamacoune, por outro lado, exigia que Aline Sitoé fosse inscrita não no patrimônio cultural senegalês, mas no patrimônio da sua própria comunidade. Ele inseriu a luta de Aline Sitóe em prol da independência de Casamace, em nada conectada ao Senegal pós-colonial. Este trabalho de reapropriação do passado e de construção de uma narrativa para provar o caráter histórico da resistência no Sul permitiu a este padre elevar Aline Sitoé ao estatuto de heroína de Casamance –não do Senegal. [31]

Como resultado desta provocação, o governo procurou preencher este vazio a partir do mandato de Abdou Diouf (1981-2000), segundo presidente da República do Senegal, que, assim que assumiu o poder, nomeou uma equipe de investigadores para pesquisarem o que teria acontecido com Aline Sitoé após sua prisão. Como referido acima, a missão a Tombuctu teve caráter oficial, foi financiada pelo governo senegalês, como forma de promover Aline Sitoé como heroína nacional e apaziguar os ânimos de Casamance, que insuflavam a ira popular contra o governo pela suposta "negligência" em averiguar a sua morte. A missão encontrou documentos oficiais da administração da penitenciária colonial atestando sua morte em 1944 por escorbuto; porém,

31 Paul Diédhiou, "Le conflit de Casamance: la «petite phrase» de Léopold Sédar Senghor et le nationalisme casamançais", em *Nouvelles voix/voies des discours politiques en Afrique francophone*, ed. Margareta Kastberg Sjöblom et al. (Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2024), https://doi.org/10.4000/books.pufc.53296; Senghor, "Histoire de la Casamance", 189-195.

não conseguiu localizar o local exato de sua sepultura, o que continuou aquecendo o debate público nos anos seguintes.

Transformar Aline Sitoé em heroína nacional foi uma estratégia para refrear os discursos separatistas do Sul, o que gerou um choque de narrativas muito fértil para se refletir sobre apropriação de personalidades históricas para fins políticos, construção de símbolos e identidades – nacionais e regionais – e processos de "heroificação".

Outro exemplo do uso da trajetória de Aline Sitoé para fins políticos é visto na Associação *Yewwu Yewwu* (despertar em Wolof), criada por feministas senegalesas na década de 1980, que veem em Aline Sitoé Diatta uma figura emblemática da luta feminina. Em seu discurso de abertura, Marie Angélique Savané, líder do feminismo senegalês, relembrou a história de Aline Sitoé Diatta como símbolo das mulheres e da nova geração, cujas ideias deveriam ser radicalizadas no presente. Também criaram o prêmio Aline Sitóe Diatta para condecorar figuras públicas e organizações com um notável trabalho pela valorização das mulheres, cujo primeiro agraciado foi o então presidente do Burkina-Faso, Thomas Sankara, como estratégia para pressionar o executivo senegalês a melhorar as condições de vida das mulheres.[32]

Vários movimentos políticos, sociais e culturais contribuíram para trazer uma consciência ao povo senegalês da importância da história de Aline Sitoé Diatta. Aos poucos, a população passa a cobrar dos governos ações concretas de valorização do patrimônio nacional; estudantes e professores passam a questionar a ausência das narrativas de seu próprio povo e pressionam para a descolonização dos currículos escolares e dos lugares de memória, querem ver os seus representados em monumentos, museus e livros didáticos.

A colonização francesa instituiu uma forma de entender e escrever a história que condicionou os africanos a acreditarem nos valores ocidentais como os únicos possíveis.[33] Passamos, assim, de programas

32 Oumar Kane e Hawa Kane, "The Origins of the Feminist Movement in Senegal: A Social History of the Pioneering Yewwu-Yewwi", *African Sociology Review* 22, n.º 1 (2018).

33 Para uma crítica da educação colonial na África: Achebe Chinua, *The Education of a British-protected Child* (Toronto: Doubleday Canada, 2009); Ngũgĩ wa Thiong'o, *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature* (Oxford: James Currey, 1986); C. Akpabio,

em que se dizia aos africanos que os seus "antepassados eram os gauleses"[34] para uma descolonização dos currículos e dos lugares de memória herdados da colonização. Em Casamance, Diamacoune Senghor mobilizava para uma dupla descolonização: "A descolonização em relação à França, que reabilita a história senegalesa, e a descolonização em relação ao Senegal, que reabilita a história de Casamance."[35]

Ao mesmo tempo, a República do Senegal buscava fazer de Aline Sitoé Diatta uma heroína nacional, para além da sua identidade étnica, desconectando as narrativas oficiais da resistência espiritual e cultural Diola e da especificidade da história de Casamance, em busca de forjar um sentimento de unidade. O governo senegalês passou a propagar "Aline Sitoé Diatta, heroína do Senegal" no contexto de construção da identidade nacional e dos conflitos pela independência de Casamance.

Estamos diante de uma disputa pelas narrativas históricas, do passado como campo de batalha simbólico, que nos leva a refletir sobre as dinâmicas de criação dos "heróis" de acordo com propósitos políticos do presente. Que características são reforçadas, quais são silenciadas? Quais são os objetivos de cada grupo envolvido?[36] A problematização da construção dos heróis nacionais em África é um debate historiográfico rico em possibilidades e percursos, com processos históricos distintos. O que Terence Ranger observou no Zimbabwe no início dos anos 2000, por exemplo, foi um processo distinto, em que o Estado centralizou a narrativa oficial e institucionalizou quem são os "heróis" a serem glorificados, quem foram os "traidores da pátria", não admitindo contestações. Já no Senegal, observamos mais uma disputa de narrativas e produções de sentidos e identidades distintos. De toda forma, em ambos os casos o passado é mobilizado com fins políticos do presente e figuras históricas

"Reclaiming African Identity Through Education", *Journal of African Cultural Studies* 31, n.º 3 (2019): 298-312. A. G. Adebayo, "Colonial Education in Africa: Legacies and Modern Reforms", *African Studies Review* 61, n.º 2 (2018): 83-102.

34 Joseph Ki-Zerbo, *Para quando África?* (Rio de Janeiro: Pallas, 2006).

35 Senghor, "Histoire de la Casamance".

36 Terence Ranger, "Nationalist Historiography, Patriotic History and the History of the Nation: the Struggle over the Past in Zimbabwe", *Journal of Southern African Studies* 30, n.º 2 (2004): 215-234. Para a rainha Njinga Mbandi pelos movimentos nacionalistas de Angola no século XX, ver Mariana Bracks Fonseca, *Ginga e Angola: memórias e representações da rainha guerreira* (Curitiba: Brazil Publishing, 2019).

são promovidas a "heróis" para gerar uma identificação popular com as causas contemporâneas.

A questão do repatriamento dos restos mortais

Um novo capítulo do processo de heroificação de Aline Sitoé dá-se no governo de Abdoulaye Wade (2000-2012), quando se iniciou a tentativa de repatriamento dos seus restos mortais, até hoje em Tombuctu, no Mali.

Durante o período colonial, a deportação de lideranças africanas tornou-se um padrão de dominação frequentemente aplicado pelos franceses. Vários chefes foram exilados e morreram longe de suas terras natais. Assim, a deportação fez parte da lógica de decretar a morte política e sociológica dos líderes locais, uma forma de tentar apagar seus fatos da memória coletiva dos nativos. A questão da transferência dos restos mortais para as suas sociedades de origem aqueceu as discussões sobre políticas de reparação aos danos provocados pelo colonialismo. Um exemplo icônico foi o rei Beházin, que governou o Daomé entre 1890 e 1894, quando foi exilado na Martinica, onde morreu em 1906. Após pressão de seus descendentes, seu corpo foi repatriado em 1928.[37]

A questão da repatriação dos restos mortais de Aline Sitoé foi levantada por Abdoulaye Wade durante a campanha presidencial. Isso provocou um debate em Cabrousse, em que os mais velhos tiveram uma visão negativa da proposta e os mais jovens ficaram entusiasmados, já que Wade havia prometido a construção de um monumento em homenagem a Aline Sitoé, que deveria se tornar um lugar de peregrinação.

Essa proposta política encampada por Wade precisa ser discutida à luz da cosmologia Diola, atentando-se para como esse povo lida com a morte e com as sepulturas, a fim de se evitar a importação de concepções e ritos de outras culturas e provocar assim uma crise de identidade entre os Diola.

Os ritos fúnebres são fundamentais para a sociedade Diola para permitir que o falecido se reúna com seus ancestrais em outro mundo.

37 Patrice Louis, *La mission sacrée du Prince Ouanilo* (Saint-Denis: Ibis Rouge Éditions, 2016).

Deixar um falecido sem as devidas cerimônias fúnebres é considerado uma abominação, pois impediria o finado de alcançar os seus ancestrais e deixaria sua alma a vagar a esmo, o que provocaria desordens no mundo social. Durante as cerimônias fúnebres, dois produtos principais são utilizados ritualmente: arroz (*emano*) e o vinho de palma (*bunuk*).

As sepulturas são lugares de máximo respeito para o povo Diola, que tradicionalmente não medita em frente a uma sepultura como é comum nas sociedades ocidentais. Apenas os coveiros podem aproximar-se da sepultura de uma pessoa falecida e isto em circunstâncias muito específicas, como a reparação de uma sepultura. Acredita-se que quem meditar ou se aproximar de uma sepultura será punido pelo *bachiin* dos coveiros ou será considerado um antropófago (comedor de carne humana).

A morte é percebida como uma extensão da vida em outro reino (a vida após a morte). Entre os Diolas, o funeral é uma oportunidade para formular orações pelo falecido para que ele se torne um ancestral e possa ser bem acolhido no mundo espiritual. Antes do enterro, o corpo do falecido é exposto, o que permite que todos efetivamente certifiquem a morte.

Entre os Diolas, há um rito específico que permite que o defunto seja questionado para descobrir as causas de sua morte, caso esta não seja de ordem natural. É uma espécie de tribunal, que também pode ser encontrado em outras sociedades da África Ocidental. Em algumas localidades da Baixa Casamance, como Oussouye, antes de iniciar o interrogatório, um ou dois tiros são disparados: é um sinal. Assim, durante a cerimónia fúnebre e precisamente durante o interrogatório, quatro pessoas carregam o falecido que as faz mover-se graças à sua força invisível. Às vezes param por vários minutos (de 20 minutos a uma hora e às vezes até mais) para o interrogatório, como pode ser visto nas fotografias abaixo.



Figura 1 - Ritual de interrogatório. Os quatro portadores do falecido param num altar chamado *Djikhindu* que desempenha o papel de proteção. Os movimentos são guiados pelo falecido.
Foto tirada por Papis Fall na ilha de Niomoune,
no distrito de Ouback (Baixa Casamance), em 2017



Figura 2 - Um idoso, na frente do falecido e dos caixeiros, fazendo perguntas ao falecido para descobrir as circunstâncias de sua morte
Foto tirada por Papis Fall na ilha de Niomoune,
no distrito de Ouback (Baixa Casamance), em 2017.

Este ritual de questionar e rezar pelo repouso pacífico da alma do falecido é amplamente praticado hoje em dia na Baixa Casamance e ocupa um lugar muito importante na vida das sociedades Diola, o que permite que se faça justiça em casos de assassinatos.

O processo de repatriação dos restos mortais da sacerdotisa de Cabrousse se iniciou de fato ainda no governo do presidente da República Abdou Diouf, após pressão dos movimentos de Casamance, especialmente do padre Diacoume Senghor, como visto. O local exato do sepultamento de Aline Sitoé não foi confirmado, mas as promessas de trazer seu corpo de volta para sua terra natal continuaram a movimentar o debate político no Senegal.

Abdoulaye Wade, ainda na campanha presidencial das eleições de 2000, prometeu ao povo de Cabrousse que faria o repatriamento de seus restos mortais, o que dividiu opiniões em Casamance. As autoridades espirituais Diola consideram um grande desrespeito mexer em uma sepultura, ainda que ela não esteja em território Diola. Exumar o corpo seria considerado um sacrilégio, uma profanação, algo veementemente interdito e inapropriado.[38]

Importante sublinhar que existe um rito funerário específico dedicado aos líderes do *kasarah*/*kasila* chamado *Kabunen* (purificação ou cura). Como Aline Sitoé Diatta morreu longe de sua família, ela não pôde se beneficiar desse rito. Como a ausência do *Kabunen* pode levar a graves desequilíbrios no mundo espiritual, seus parentes teriam a opção de realizá-lo postumamente para o repouso de sua alma e a paz de sua família, ainda que sem a presença do corpo. Na sociedade Diola, os certos ritos funerários dependem do *status* religioso da pessoa e há interdições ainda mais severas em relação a sepultura de um líder espiritual, nem mesmo o local do enterro é público, sendo restrito apenas a coveiros e a sacerdotes que já passaram por altos níveis de iniciação.

Desta forma, concluímos que as propostas políticas de repatriação dos restos mortais de Aline Sitoé Diatta se chocam com as concepções

38 Entrevista com Philippe (Filidié) Diédhiou, inspetor do Lycée de Nyassia (Ziguinchor) em 15 de janeiro de 2026. Entrevista com L. Manga, professor de História e de Geografia no colégio Joseph Faye d'Oussouye, em 14 de janeiro de 2026. Entrevista com o rei sagrado de Calobone, Kudiossobo Diatta, em 28 de janeiro de 2026.

espirituais do povo Diola. Ainda que os jovens tenham manifestado interesse na proposta, os líderes mais velhos são veementemente contrários a ela. Esse episódio lança luz sobre o descompasso entre políticas de reparação histórica e a cosmopercepção tradicional africana, que muitas vezes é ignorada no debate público.

Aline Sitoé na história pública do Senegal contemporâneo

A história pública se caracteriza pela interação entre o conhecimento histórico e o público amplo em geral, além do âmbito acadêmico. Ela envolve a divulgação e o uso da história em espaços públicos, como mídias, exposições, filmes, romances, redes sociais e é também evidenciada em nomes de ruas, praças, edifícios, associações. A história pública torna o conhecimento histórico mais acessível e ativo na construção das identidades contemporâneas, conecta o passado ao presente e contribui para o debate sobre memória e valores coletivos.[39]

"A história é um campo de batalha", nos lembra Wole Soyinka, alertando que não podemos permitir que as forças do esquecimento e da omissão prevaleçam. A história pública em contextos africanos deve ser encarada como uma luta pela verdade, pelo direito de memória e pela justiça social.[40]

Sophie B. Oluwole destaca o papel da história pública no reconhecimento e na celebração das histórias africanas, muitas vezes negligenciadas ou marginalizadas. Para ela, a história pública deve ser uma plataforma para a reconstrução das narrativas africanas, que muitas vezes foram ofuscadas ou ignoradas pela história colonial.[41]

Nesse sentido, é importante compreender como a história de Aline Sitoé aparece nos museus e espaços de memória no Senegal. Seu nome aparece em obras públicas, escolas, praças e nos mais importantes museus do país. Contudo, há falhas e problemas a serem discutidos, que aqui pretendemos problematizar.

39 Faye Saye, *Public History: A Practical Guide* (Bloomignton: Bloomsbury Publishing, 2015); Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia Rovai, orgs., *Introdução à história pública* (São Paulo: Letra e Voz, 2011).

40 Wole Soyinka, *The Man Died: Prison Notes of Wole Soyinka* (Londres: R. Collings Ltd., 1972).

41 Sophie. B. Olúwolé, *Socrates and Òrúnmìlà: Two patron saints of classical philosophy* (Lagos: Ark Publishers. 2014

O *Musée de la Femme Henriette Bathily*

O *Musée de la Femme Henriette Bathily* foi inaugurado em junho de 1994, o primeiro deste gênero na África, na ilha de Gorée, onde funcionou até 2014, quando foi transferido para Dakar e instalado na *Place du Souvenir Africain.*

No *Musée de la Femme* percebe-se o cuidado e atenção da instituição em dar visibilidade às grandes protagonistas da História do Senegal. Logo no início da exposição permanente há uma instalação artística assinada pela artista e jornalista Ndèye Siga Ndiour que representa Aline Sitoé Diatta com os trajes e colares típicos de uma sacerdotisa Diola.



Figura 3 - Instalação artística representando Aline Sitoé Diatta, por Ndèye Siga Ndiour. Foto tirada em 10 de setembro de 2024, por Mariana Bracks Fonseca

Há também, em local de destaque, a reprodução *fac-similada* do seu retrato, aquele que é indicado como autêntico.



Figura 4 - Retrato de Aline na exposição permanente.
Foto tirada em 10 de setembro de 2024, por Mariana Bracks Fonseca

Junto à área destinada a Aline Sitoé há uma instalação artística de Ndate Yalla e imagens em honra a Yacine Boubou e a Ndjembeut Mbodj, Ndatté Yall, Sokhna Diarra Bousso e Sibeth Diédhiou. O museu mostra não apenas as grandes mulheres dirigentes, mas também busca apresentar ao visitante os modos de vida das mulheres africanas, com seus pilões, cauris de adivinhação, trajes e pérolas de sedução, tecidos, formas de carregar os filhos e mais diversos artefatos que nos fazem bem compreender a centralidade do feminino.

Place du Souvenir Africain

Esta praça pública é um grande projeto cultural inaugurado em junho de 2009, para ser "um receptáculo da memória dos povos negros, dos seus mártires, dos seus ativistas e dos seus símbolos da dignidade africana". Neste amplo espaço estão expostos pinturas e painéis com as sínteses biográficas de importantes personalidades africanas, dos diversos países e de várias temporalidades, de diferentes ocupações: políticos, artistas, escritores, revolucionários, etc.

Aline Sitoé aparece em dois lugares: nos painéis biográficos, acompanhada por Samory Touré, Wangari Maathai, Lat Dior Diop, Yacine Boubou, Ndayé Yalla Mbodj ou Njinga Mbandie Sundjata Keita. A título de curiosidade, é interessante perceber que o nome de Soundjata Keita é registrado como Sogolon Diatta Soundjata Keita, sendo Sogolon o nome de sua mãe e Diatta uma palavra de origem mandinka que significa leão. Sundjata seria a contração do nome de "o leão de Sogolon". Com a aproximação dos Mandinkas com os povos Ajamaat, renomeados Diolas, ao longo dos séculos Diatta tornou-se nome de família Diola, como vemos no sobrenome da nossa protagonista.



Figura 5 - Foto tirada em 10 de setembro de 2024, por Mariana Bracks Fonseca



Figura 6 - Foto tirada em 10 de setembro de 2024, por Mariana Bracks Fonseca

Transcrição da síntese biográfica:

> Rainha e sacerdotisa fazedora de milagres. Heroína da resistência de Casamance face ao colono francês. Para ajudar sua família a pagar o imposto obrigatório, ela se torna estivadora no porto de Ziguinchor e empregada doméstica para uma família francesa em Dakar. De retorno a sua região natal, ele dirigiu a

> resistência e a desobediência civil e pregou o retorno do povo casamancês às crenças tradicionais. De 1940 a 1942, ela reforma a educação, o ensino, a agricultura, etc. ao incitar os camponeses a pararem com as culturas alimentares. Qualificada de insurgente, ela foi presa em 8 de maio de 1943, julgada e aprisionada entre o Senegal e a Gâmbia, depois deportada para Tombuctu, no Mali. Ela foi declarada morta em 1944.

O breve texto – sem indicação de autoria – destaca seu papel como liderança espiritual e associa bem as migrações às cobranças de impostos trazidas pelo colonialismo. Aline é apresentada como quem gerou forte impacto em diversos campos sociais, mas o texto não identifica seu pertencimento étnico: não cita o etnômio Diola, mas usa a ideia de "povo casaçais" (de Casamance, casamancês) duas vezes.

O que chamaram de "parar com as culturas alimentares/*arrêter les cultures vivrières*" significa a luta contra a monocultura do amendoim para exportação, produção que levou à destruição das florestas e às migrações sazonais, um dos pontos centrais da resistência de Aline Sitoé.

Ela foi presa em janeiro de 1943, não em maio, e não teve direito a um julgamento: sua prisão se deu a nível administrativo, podemos dizer que foi arbitrária.[42] Da forma como o texto é apresentado aos visitantes, dá a impressão de que sua prisão foi "justa", não se explicita a violência colonial que sumariamente a eliminou, sem direito à defesa, ao contestatório. Outro equívoco é dizer que ela foi declarada morta em 1944. Hoje sabemos seu ano de morte devido a pesquisas posteriores. É importante frisar que a França oficialmente omitiu essa informação e só na década de 1980 reconheceu a morte de Aline durante a prisão. De acordo com tradições orais, durante muito tempo seu povo acreditou que ela estava viva e que voltaria.[43]

Importante também é discutir a imagem associada a Aline Sitoé Diatta. Trata-se de uma fotografia de Edmond Fortier, nomeada de

42 Papis Comakha Fall, "Trajectoire de deux prêtresses de la Sénégambie méridionale". *Revue sénégalaise d'Histoire* 9 (2019): 563-581.

43 Entrevista com o Sr. Bruno de Nialou, liderança espiritual, continuador das tradições de Aline Sitoé, e com o Sr. Jannot Diatta, líder comunitário de Nialou, em Cabrousse, em setembro de 2024.

"Femme de Saint-Louis",[44] posteriormente vendida como cartão-postal com a legenda "Femme de Dakar". Pelas referências dos locais, provavelmente trata-se de uma mulher Wolof, dificilmente seria uma mulher Diola. Essa é a imagem mais utilizada para se referir a Aline Sitoé; contudo, precisamos questionar o uso desta fotografia de uma mulher de outro povo, outra cultura.

Aline Sitoé também aparece em destaque no grande mural à esquerda de quem olha o mar, junto com Ndate Yalla, Yacine Boubou e Njinga Mbandi. A base para essa pintura seria uma outra fotografia de Aline bem jovem, antes de migrar para Dakar, menos comum nas representações que a anterior.



Figura 7 - Foto tirada em 10 de setembro de 2024, por Mariana Bracks Fonseca

Monument de la Renaissance Africaine

Trata-se do maior monumento construído na África contemporânea, com 52 metros de altura, todo feito em bronze, exibe um forte homem segurando sua mulher pela cintura e elevando seu filho bebê, simbolizando a dignidade do continente, direcionado para um futuro luminoso. Foi inaugurado em 2010, na ocasião do cinquentenário da independên-

44 Ver https://edmondfortier.org.br/postal/02-01-fph021/.

cia do Senegal, para celebrar a riqueza e a diversidade cultural africana, assim como a força e a resistência do povo africano.

No interior do monumento há uma exposição aberta à visitação, sem qualquer referência a autoria ou curadoria. No segundo andar, há painéis com breves resumos temáticos sobre a História da África. Em um dos painéis, remora-se a resistência frente à colonização. Com os dizeres:

> A permanência da resistência: como um junco, o continente tinha-se curvado, mas não quebrado, a resistência nunca cessou. Serão diversos, variados e armados, porque a pacificação, tão desejada, nunca será completa. Esta resistência também foi cultural porque os africanos nunca renunciaram às suas identidades plurais e religiosas com grandes figuras messiânicas que encarnaram a resistência armada e espiritual.

Neste painel, estão retratados Chaka Zulu (1787-1828), líder da resistência Zulu na África do Sul; Ndatté Yalla (1810-1860), última Linguère (rainha) do Waalo; Lat Dior Diop (c.1842-1886), o último soberano do Cayor; Béhenzin (c. 1845-1906) mais conhecido como Béhanzin, último soberano do Daomé independente; e Aline Sitoyé Diatta, que aparece com esta grafia inusual.

É importante notar que Aline é apresentada ao público junto dos mais importantes personagens históricos que lutaram contra a colonização, ainda que a instituição não forneça mais informações sobre sua vida. O mesmo painel é reproduzido também em inglês.

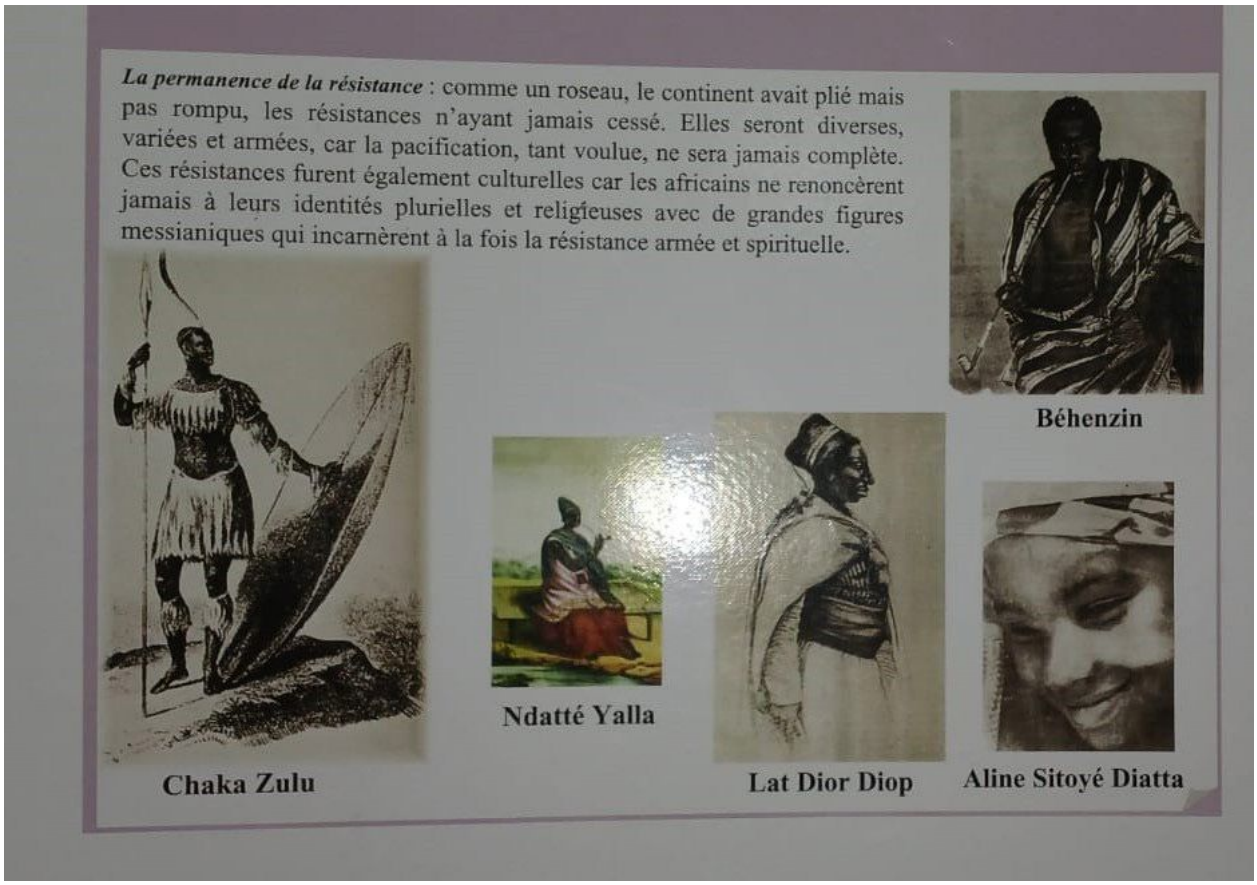


Figura 8 - Foto tirada em 9 de setembro de 2024, por Mariana Bracks Fonseca

Musée des Civilisations Noires

O *Musée des Civilisations Noires*, em Dakar, inaugurado em 2019 com a pretensão de ser o maior museu da África ocidental, tem um mural dedicado às mulheres importantes na história da África, intitulado "Mulheres africanas e líderes políticas". Aline Sitoé Diatta aparece no primeiro painel, ao lado de Makeda, Njinga Mbandi, Sarrouynia Magou ou de Taytoul Betou, em um total de 24 mulheres, incluindo as líderes combatentes dos movimentos de independência. No segundo painel, há 21 mulheres líderes políticas contemporâneas – como ministras, deputadas – e a seguir cinco mulheres que assumiram recentemente o posto de Presidente de nações africanas.



Figura 9 - Foto tirada em 10 de setembro por Mariana Bracks Fonseca



Figura 10 - Foto tirada em 10 de setembro de 2024 por Mariana Bracks Fonseca

Assustadoramente, há um erro grosseiro na data de nascimento. Está escrito na legenda que ela nasceu em 1910! É verdade que não sabemos exatamente o ano de nascimento de Aline Sitoé, mas todas as pesquisas e relatos situam por volta de 1920. Como e porquê o maior e mais importante museu do Senegal mantém um erro assim grave?

Neste mural, cada imagem é acompanhada por um QR-code que direciona a uma página da internet. Foi grande o espanto em ver que a história de Aline Sitoé foi descrita com apenas 62 palavras, que transcrevemos na íntegra.[45]

> Heroína da resistência de Casamance, Aline Sitoé Diatta lidera o seu povo num movimento de desobediência civil contra a autoridade colonial. Começou então a lançar apelos através das aldeias vizinhas, apelos que despertaram a população e fizeram temer os representantes locais da administração colonial, um movimento espasmódico de rebelião. Ela foi deportada para Timbuktu, onde morreu em 1944.

Chama atenção como não há referência a sua identidade étnica nem a sua missão espiritual, não há menção à sua defesa das tradições culturais, não explicita o que foram os seus "apelos". Mesmo sua morte não evidencia a violência colonial a que foi submetida.

Nas referências, apenas seis *links* para *sites*, dentre eles a *Wikipédia*. Nenhuma referência bibliográfica resultante de pesquisas históricas e antropológicas. Não é por falta delas. Existem pesquisas de qualidade sobre Aline Sitoe; mesmo que ainda não se haja publicado um livro exclusivamente sobre sua vida em francês, há muitas pesquisas sérias que discutem sua atuação e há publicações em inglês desenvolvidas com bastante ri-

45 Aline Sitoé Diatta, 1910-1944, Sénégal – Musée des Civilisations noires: "Héroïne de la résistance casamançaise, Aline Sitoé Diatta entraine son peuple dans un mouvement de désobéissance civile face à l'autorité coloniale. Elle commence alors à lancer des appels à travers les villages proches, appels qui ameutent la population et font craindre les représentants locaux de l'administration coloniale, un mouvement spasmodique de rébellion. Elle sera déportée à Tombouctou où elle mourut en 1944." Não há qualquer referência à autoria do texto.

gor.[46] A desatenção com a história de uma das mulheres senegalesas mais importantes do século XX revela uma negligência institucional em se fazer conhecer sua trajetória, o que conflita como o título de "Heroína nacional" a ela concedido pelo presidente Abdou Diouf em 1986.[47]

Aline Sitoé Diatta nos espaços públicos

Atualmente é muito fácil encontrar o nome de Aline Sitoé em diversos espaços públicos. O barco que faz a ligação marítima entre Dakar e Ziguinchor tem o seu nome, foi inaugurado em março de 2008, em substituição do navio *Joola*, tragicamente naufragado em 2002.

Em Ziguinchor, principal cidade de Casamance, há o estádio Aline Sitoé Diatta, inaugurado em 1992 para receber os jogos da Copa Africana de Nações.[48] Há também a rotatória (*Rond-poignard*; *Round--poind)* Aline Sitoé, próximo à região portuária, em local de grande circulação.[49] Apesar de levar seu nome, não há qualquer busto, placa ou monumento em sua homenagem na praça, apenas uma estela de cerca de quatro metros de altura, sem qualquer referência à personagem histórica. Em Ziguinchor há também hotéis, farmácia, autoescola e lojas de doces que usam o nome de Aline Sitoé Diatta.

Na cidade de Oussouye, a 44 km de Ziguinchor, há duas escolas nomeadas com este nome. A escola de ensino fundamental CEM Aline Sitoé e o Lycee Aline Sitoe Diatta, de ensino médio, criada em 1994. Em ambas instituições, os estudantes usam estampas de uniformes com imagens que remetem a Aline Sitoé, o que é uma forma de imprimir sua marca na história, ainda que esta não ocupe grande espaço nos currículos escolares.

46 Paul Diédhiou, "Pour une analyse du processus d'héroïsation d'Aline Sitoué Diatta", em *Comprendre le Sénégal et l'Afrique d'aujourd'hui. Mélanges offerts à Momar-Coumba Diop*, ed. Ibou Diallo, Ibrahima Thioub, Alfred Inis Ndiaye e Ndiouga Benga (Paris: Karthala-Crepos, 2023), 415-462; Papis Comakha Fall, "Trajectoire de deux prêtresses de la Sénégambie méridionale", *Revue sénégalaise d'Histoire* 9 (2019): 563-581.

47 Wilmetta J. Toliver-Diallo, "'The Woman Who Was More than a Man': Making Aline Sitoe Diatta into a National Heroine in Senegal", *Canadian Journal of African Studies / Revue canadienne des études africaines* 39, n.º 2 (2005): 338-360.

48 Localização do estádio. Ziguinchor, Senegal: 12.58°N 16.2588°W.

49 Département de Ziguinchor. Santhiab. Coordenadas: 12.58°N 16.2640° W.



Figura 11 - Foto dos uniformes do *Lycee Aline Sitoe Diatta*, 13 de novembro de 2024, Omar Sarr Badji (Akil Essuk)

Na década de 1990, pessoas originárias do departamento de Oussouye fundaram uma associação chamada URDO (União dos Nacionais do Departamento de Oussouye em Dakar), cujo um dos objetivos é reunir as diferentes aldeias e cidades do departamento: as competições de futebol organizadas pelos membros desta associação designam-se "torneio Aline Sitoé".

O time de futebol *Association Sportive et Culturelle Cabrousse* utiliza a imagem de Aline Sitoé em seu símbolo oficial, levando o nome da heroína para os estádios e campeonatos de futebol por toda a Casamance, o que gera um grande impacto na dispersão de seu nome, sobretudo entre os jovens.



Figura 12 - Foto de internet, ASC Cabrousse | Facebook, em dezembro de 2024

Apesar de ser um nome recorrente em Casamance, há poucas informações históricas sobre a vida de Aline Sitoé disponíveis para o grande público. A comunidade de Nialou em Cabrousse, terra natal da sacerdotisa, busca recursos para inaugurar um museu na casa em que ela nasceu, mas ainda há várias dificuldades que se impõem, sobretudo a falta de apoio dos órgãos públicos.[50]

Atualmente, discute-se como a memória da sacerdotisa que se tornou heroína pode ser honrada e mais conhecida, não apenas em Casamance, mas por todo o Senegal e pelos turistas que o visitam. Seria a construção de um monumento uma resposta? Ou seria essa uma forma importada das sociedades ocidentais, uma ideia externa, "alienígena", que não reflete a concepção do povo Diola de cultivar a memória dos seus grandes filhos, mais sustentada através dos cantos.[51]

50 Entrevista com Charles Diatta, coordenador da *Troupe Théâtrale Aline Sitoé Diatta*, 42 anos, em Cabrousse, realizada em 19 de setembro 2024.

51 Paul Diedhiou, "Les chants comme savoirs historiques locaux: esquisse d'une anthropologie historique des Joola", *Cahiers d'études africaines* LXII, n.º 3 (2022): 247.

Considerações finais

O nome de Aline Sitoé Diatta é amplamente conhecido no Senegal, sobretudo em Casamance. Mesmo que ainda não se veja sua história escrita nos manuais didáticos utilizados no sistema educativo, pode-se dizer que a população conhece sua trajetória, que é de diversas formas evocada para a construção das identidades e lutas contemporâneas.

Sua história também é evocada em músicas populares, na literatura, na dramaturgia, o que oferece material para pesquisas a partir de outras fontes para pensar sobre a circulação e a divulgação de sua trajetória.[52]

Várias mulheres deram continuidade aos ensinamentos de Aline Sitoé, e ainda hoje coordenam os ritos para a chuva, os sacrifícios, o compromisso com os *bachiin.* É importante afirmar que o *Kasila/ kassarah* não foi criado por Aline Sitoé, esses ritos para a chuva já existiam. Em Yotou, as tradições orais registram um culto ancestral muito difundido, liderado por mulheres, anterior a Aline Sitoé.[53] Na espiritualidade Diola, é comum que um *bachiin* seja levado de um vilarejo a outro, assim Aline Sitóe difundiu o culto da chuva ao ensinar as orações e doar um "braço" de seu *bachiin.* Hoje em dia, os ritos *Kasila* e *Kassarah* não são exclusivamente liderados por mulheres, mas elas ainda ocupam posições importantes em cerimônias e na comunicação com o mundo espiritual.

Dentre as mulheres que coordenam os ritos da chuva no presente, destacam-se a sacerdotisa Sibeth Diedhiou, de Éyoune (composta por três aldeias: Niambalan, Karounate e Siganar, no departamento Oussouye), que manteve a tradição espiritual e desempenhou importante papel nas negociações políticas, sendo conhecida como uma célebre "rainha" até sua morte em 1976. Também em Siganar, destacamos a

52 Canção "Aline Sitoé Diatta", de Alioune Kassé (Kassé Star), de 1992. https://youtu.be/CymiEfO472o?si=HyTT5KBTSdhSzbpA Ver: Toliver-Diallo, "The Woman Who Was More than a Man"; Marouba Fall, *Aliin Sitooye Jaata ou la Dame de kabrus* (Dakar: Les Nouvelles Editions Africaines du Sénégal, 1996); Boubacar Boris Diop, *Les tambours de la mémoire* (Paris: L'Harmattan, 1987).

53 Paul Diedhiou, "Pour une analyse du processus d'héroïsation d'Aline Sitoué Diatta", em *Comprendre le Sénégal et l'Afrique d'aujourd'hui. Mélanges offerts à Momar-Coumba Diop* (Paris: Karthala, 2023), 415-462.

sacerdotisa Aïmpène Diédhiou que tinha o poder de fazer cair chuva. Atualmente, Anna Todjé, de Djivente (Kalobone, Oussouye), é a mais conhecida sacerdotisa do *Kasila*, culto que lidera para garantir as chuvas e a harmonia com os ancestrais. Outras tantas mulheres continuam a alimentar os *bachiin* e a manter viva as tradições ensinadas pela sacerdotisa de Cabrousse. O culto aos *bachiin* ocupa um lugar muito importante na vida social Diola, apesar do apoio dado pelas autoridades coloniais aos *marabouts* para islamizar, pacificar e dominar essas sociedades.

Aline Sitoé é uma referência histórica importante para o povo Diola e sua trajetória continua inspirando movimentos diversos na construção das identidades e das agendas de luta. O seu nome é conhecido no movimento *Navétane*,[54] em Ziguinchor, graças à existência de uma Associação Esportiva e Cultural: *ASC Aline Sitoé Diatta*, no distrito de Niéfoulene. Um dos dirigentes dessa associação reside em Cabrousse Nialou – terra natal de Aline Sitoé –, onde ele vai com frequência fazer os preparativos místicos. A primeira Copa de Ziguinchor foi conquistada pela ASC Aline Sitoé Diatta frente ao ASC Djiringhor, categoria sénior, em 1993. E no campo musical desta associação desportiva e cultural – que dá ainda mais coragem aos futebolistas – destacam-se as canções em homenagem à sacerdotisa de Cabrousse. Havia um "mito" muito difundido entre a população de Ziguinchor: a chuva que caiu na final do campeonato de 1993 foi um sinal de vitória da ASC Aline Sitoé Diatta.

Em suma, é importante notar como a história da sacerdotisa de Cabrousse continua a motivar movimentos políticos diversos, a inspirar a juventude Diola atual, a enaltecer a identidade Diola, atentando-se para as diferentes interpretações do processo de "heroificação" e tentativas de manipulação do passado.

54 O movimento "Navétane", neste contexto, refere-se às atividades esportivas organizadas no Senegal anualmente durante as grandes férias escolares.

Referências bibliográficas

A. G. Adebayo. "Colonial Education in Africa: Legacies and Modern Reforms". *African Studies Review* 61, n.º 2 (2018): 83-102.

C. Akpabio. "Reclaiming African Identity Through Education". *Journal of African Cultural Studies* 31, n.º 3 (2019): 298-312.

Almeida, Juniele Rabêlo de, e Marta Gouveia Rovai, orgs. *Introdução à história pública.* Letras e Vozes, 2011.

Awenengo, Dalberto S. *L'idée de la Casamance autonome: Possibles et dettes morales de la situation coloniale au Sénégal.* Paris: Karthala, 2024.

Awenengo, Dalberto S., e V. Foucher, "Les Sciences sociales face au conflit casamançais: quelques résultats". *La gazette*, 23-07-2012, 1-7.

Baum, Robert M. *West Africa's Women of God: Alinesitoué and the Diola Prophetic Tradition.* Bloomington: Indiana University Press, 2016.

Bonnet, V., dir. *Conflits de mémoire.* Paris: Karthala, 2004.

Candau, J. *Anthropologie de la mémoire.* Paris: Presses universitaires de France, 1996.

Candau, J. *Mémoire et Identité.* Paris: Presses universitaires de France, 1998.

Chinua, Achebe. *The Education of a British-Protected Child.* Toronto: Doubleday Canada, 2009.

Cooper, Frederick. *Africa since 1940: The Past of the Present.* Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Diatta, Christian Sina. *Parlons Jola: langue et culture des Diolas.* Paris: L'Harmatan, 1998.

Diédhiou, Paul. "Processus de construction de l'identité joola. Analyse socio-anthropologique des conflits en milieu ajamat (Casamance, Sénégal)". PhD diss., Besançon Université Franche-Comté, 2002.

Diédhiou, Paul. *L'Identité joola en question: la bataille idéologique du MFDC pour l'indépendance.* Paris : Karthala, 2011.

Diédhiou, Paul. "La gestion du conflit de Casamance: Abdoulaye Wade et la «tradition jóola". Em *Le Sénégal sous Abdoulaye Wade*, coordenado por Momar Coumba Diop. Paris: Karthala, 2013, 249-265.

Diédhiou, Paul. "Les conflits de mémoire au Sénégal". Em *La mémoire face à l'Histoire Traces, effacement et réinscriptions*, coordenado por Anne Le Guellec-Minel. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2019, 95-106.

Diédhiou, Paul. "Les chants comme savoirs historiques locaux: esquisse d'une anthropologie historique des Joola". *Cahiers d'Études africaines*, LXII, n.º 3 (2002): 247.

Diédhiou, Paul. "Le conflit de Casamance: la «petite phrase» de Léopold Sédar Senghor et le nationalisme casamançais". Em *Nouvelles voix/voies des discours politiques en Afrique francophones*, coordenado por Margareta Kastberg Sjöblom, Alpha Barry e Andrée Chauvin-Vileno. Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2023, 157-170.

Diédhiou, Paul. "Pour une analyse du processus d'héroïsation d'Aline Sitoué Diatta". Em *Comprendre le Sénégal et l'Afrique d'aujourd'hui: mélanges offerts à Momar-Coumba Diop*, coordenado por Ibou Diallo, Ibrahima Thioub, Alfred Inis Ndiaye e Ndiouga Benga. Paris: Karthala, 2023, 415-462.

Diop, Boubacar Boris. *Les tambours de la mémoire.* Paris: L'Harmattan, 1987.

Diouf, M. *Histoire du Sénégal.* Paris: Maisonneuve & Larose, 2001.

Diop, Momar Coumba. *Sénégal, trajectoires d'un état (1960-1990).* Dakar: CODESRIA, 1992.

Djigo, Adama. "Patrimoine culturel et identité nationale: construction historique d'une notion au Sénégal". *Journal des africanistes* 85, n.º 1-2 (2015): 312-357.

Ennigs, Eric T. *Vichy in the Tropics: Pétain's National Revolution in Madagascar, Guadeloupe, and Indochina, 1940–1944*. Stanford: Stanford University Press, 2001.

Falconieri, Silvia. "Pathologies de l'«âme indigène»". *Histoire, médecine et santé* 20 (2021).

Fall, Marouba. *Aliin Sitooye Jaata ou la Dame de kabrus*. Dakar: Les Nouvelles Editions Africaines du Sénégal, 1996.

Fall, Papis Comakha**.** "Trajectoire de deux prêtresses de la Sénégambie méridionale". *Revue sénégalaise d'Histoire* 9 (2019): 563-581.

Fall, Papis Comakha. "Les déportés de la Sénégambie et du Soudan: entre résistances et répressions dans un espace colonial de 1840 à 1946". **PhD diss.**, Sorbonne Université, Centre d'histoire du XIXe siècle, 2023.

Faye, Amade. "Histoire et imaginaire: Aline Sitoé ou la féminité héroïque". *Annales de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines* (Université Cheikh Anta Diop) 37 B (2007).

Fonseca, Mariana Bracks. *Ginga e Angola: memórias e representações da rainha guerreira.* Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

Girard, Jean. "Genèse du pouvoir charismatique en basse Casamance (Sénégal)". *Initiations et études africaines* XXVII (1969): 344.

Halbwachs, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

Journet-Diallo, O. *Les Créances de la terre*. Turnhout: BEHE e Brepols, 2007.

Kane, Oumar, Hawa Kane. "Les origines du mouvement féministe au Sénégal: une histoire sociale de la pionnière Yewwu-Yewwi". *Revue sociologique africaine* 221 (2018).

Ki-Zerbo, Joseph. *Para quando a África?* Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

Klein, Martin A. *Slavery and Colonial Rule in French West Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Konaté, D. "Ultimate exclusion. Imprisoned women in Senegal". Em *History of Prison and Confinement in Africa*, coordenado por F. Bernault, traduzido por J. Roitman. Portsmouth: Heineman, 2003, 155-163.

Louis, Patrice. *La mission sacrée du Prince Ouanilo*. Saint-Denis: Ibis Rouge Éditions, 2016.

Manga, Mohamed Lamine. *La Casamance dans l'histoire contemporaine du Sénégal.* Paris: L'Harmattan, 2012.

Marut, Jean-Claude. *Le Conflit de Casamance. Ce que disent les armes*. Paris: Karthala, 2010.

Méguelle, Phillipe. *Chefferie coloniale et égalitarisme diola: les difficultés de la politique indigène de la France en Basse Casamance (Sénégal) 1828-1923*. Paris: L'Harmattan, 2012.

Mundimbe, V. Y. *The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy and the Order of Knowledge.* Bloomington: Indiana University Press, 1988.

Nora, P., dir. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1995.

Olúwolé, Sophie. B. *Socrates and Òrúnmìlà: Two Patron Saints of Classical Philosophy*. Lagos: Ark Publishers. 2014.

Panuntun, A. B., Istiqomah, L. N. T., e Arthatiya, A. Z. "Contesting Alinesitoué Diatta: The Polyphony of Prophetic Discourses in Boubacar Boris Diop's *Les tambours de la mémoire*. *LITERA* 23, n.º 3 (2024): 261-273.

Ranger, Terence. "Nationalist Historiography, Patriotic History and the History of the Nation: The Struggle over the Past in Zimbabwe". *Journal of Southern African Studies* 30, n.º 2 (2004): 215-234.

Roche, Christian. "Portraits des chefs casamançais". *Revue française d'Outre-mer* 123 (1971): 437-467.

Roche, Christian. *Conquête et résistance des peuples de Casamance (1850-1920)*. Dakar e Abidjan: Nouvelles Editions Africaines, 1976.

Roche, Christian. *Histoire de la Casamance*. Paris: Karthala, 1985.

Roche, Christian. "La déportation d'Alin Sitoé Diatta". *La voix de la Casamance* 48 (1995).

Roche, Christian. "Chronique casamançaise. Le cercle de Ziguinchor au Sénégal pendant la guerre de 1939-1945". *Revue française d'histoire d'outre-mer* 85, n.° 319 (1998): 87-115. DOI: https://doi.org/10.3406/outre.1998.3630.

Roche, Christian. *Le Sénégal à la conquête de son indépendance*. Paris: Karthala, 2000.

Sarr, Fodé. "Histoire, fiction et mémoire dans l'œuvre de Boubacar Boris Diop". PhD diss., Université de Montreal, 2011.

Saye, Faye. *Public History: A Practical Guide*. Bloomignton: Bloomsbury Publishing, 2015.

Senghor, Augustin Diamacoune. "Le ras-le-bol casamançais". *La voix de la Casamance* 45 (1978).

Senghor, Augustin Diamacoune. *Histoire de la Casamance (1645-1960). Foi-Patriostisme-Hommage*. Paris: L'Harmattan, 2018.

Soyinka, Wole. *The Man Died: Prison Notes of Wole Soyinka*. Londres: R. Collings Ltd., 1972.

Thiong'o, Ngũgĩ wa. *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature*. Oxford: James Currey, 1986.

Thomas, Louis Vincent. *Les Diola: Essai d'analyse fonctionnelle sur une population de Basse Casamance*. 2 vols. Dakar: Institut Fondamental d'Afrique Noire, 1960.

Toliver-Diallo, Wilmetta J. "'The Woman Who Was More than a Man': Making Aline Sitoe Diatta into a National Heroine in Senegal". *Canadian Journal of African Studies / Revue canadienne des études africaines* 39, n.º 2 (2005): 338-360.

FONTES PRIMÁRIAS

Archives du Sénégal (ANS)

Affaire Alinesitoué Diatta. Archives Nationales du Sénégal 13G 13, Versement 17, Cercle de Ziguinchor Tribunaux, 1926-1943.

Secrétariat Général. Ier Bureau to Chiffre. Chap. 5. Art. 2. 39 APA/2, 18-01-1943. 11 D 1 226.

Courriel confidentiel écrit à Ziguinchor le 10 mars 1943, colonie du Sénégal, Cercle de Ziguinchor n.°137 Cf/APA. 11 D 226.

ENTREVISTAS*

Bruno de Nialou
Jannot Diatta
Charles Diatta
Kudiossobo Diatta
Philippe (Filidié) Diédhiou
L. Manga

*Entrevistas realizadas entre setembro de 2024 e janeiro de 2026.

DOCUMENTÁRIO ÁUDIO-VISUAL

Aline Sitoé Diatta: une guerriere sans armée. Direção Dooseh Vossah. 2024.

Referência para citação

Diedhiou, Paul, Papis Comakha Fall e Mariana Bracks Fonseca (2025). "Aline Sitoé Diatta: As lutas pela memória na construção da heroína senegalesa". *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 171-209. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.41847